

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIZA TUROLLA GRIN

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

AMERICANA
2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MARIZA TUROLLA GRIN

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da licenciatura em Pedagogia.

AMERICANA
2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Grin, Mariza Turolla.

G884a Aprendizagem significativa : memorial de formação / Mariza Turolla
Grin. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual
de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-521-BFE

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida, oportunidades e forças.

A meu marido por ser companheiro e amigo.

Ao meu marido, aos meus filhos

Kellen, Felipe, Rafael e Lucas.

Aos meus filhos por serem auxiliares.

Ao meu genro pela contribuição.

A todos os Professores e APs—que me ajudaram e contribuíram na minha formação.

À Maria Eugênia, Celeste, Raquel, Michele e Maria Nogueira, amigas de grupo, no qual aprendemos juntas.

A todas as amigas de classe que transpuseram todas as dificuldades e deram estímulo umas as outras.

Aos funcionários que sempre nos auxiliaram.

E a todas as pessoas que nos incentivaram neste percurso.

“Para quem possui força de vontade e não tem medo de cometer erros, sempre haverá oportunidade para aprender. Sucesso e fracasso merecem prêmios. A apatia requer punição”.

Abdul Ahmed Aziz

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
1. APRENDIZAGEM MECÂNICA, OU SEJA, MEMORÍSTICA.	09
2. APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.	12
3. CARACTERÍSTICA DO LETRAMENTO.	14
4. EDUCAÇÃO NÃO – FORMAL.	18
5. O LÚDICO SE FEZ PRESENTE.	21
6. MÃE X PROFESSORA.	23
7. INGRESSO A FACULDADE.	30
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	34

APRESENTAÇÃO

Embora pareça improvável uma definição isolada do fenômeno educativo, pois abrange amplo aspecto que passa pela transmissão de informações e assimilação de usos, costumes e experiências contidas nas tradições existentes em qualquer comunidade estruturada, pode-se, no entanto, observar visível diferença entre a educação que a criança recebe de maneira não formal e a que recebe de maneira formal.

Por isso, discorro sobre as “atividades significativas” em que estive envolvida no decorrer do meu processo de formação educativa.

Descrevo neste memorial, minha trajetória, envolvendo vários aspectos de minha vida. Trajetória essa, cheia de dúvidas e de algumas certezas, mesmo que provisórias. Procuro descrever meu envolvimento com a educação formal e a educação não formal, na qual a igreja e o parque infantil foram fundamentais para a minha formação educativa. Muitos dos pensamentos, comportamentos e sentimentos que antes faziam parte de minhas idéias dentro do senso comum, foram sendo compreendidos, conforme foi evoluindo minha formação acadêmica.

Primeiramente, faço um relato sucinto de minha alfabetização, no qual a escola formal não deixou qualquer lembrança significativa, apenas um vácuo, uma “escuridão”, como uma fogueira já bem apagada, sem nenhuma fagulha de lembrança, de como se deu esse processo.

Em seguida relato a importância da educação não formal na minha formação, pois elas se deram concomitantemente, e esse tipo de formação marcou minhas lembranças de maneira relevante.

Dessa forma, procuro, de maneira reflexiva, juntamente com os estudos feitos no decorrer do curso, elucidar a importância das atividades significativas como meio de compreensão de que a escrita faz parte do meio social no qual todos estamos inseridos.

Discorrerei também sobre a escolha pelo magistério, que de certa forma, na época essa escolha foi feita porque tinha a ver com o meu papel de mãe. Assim sendo, esses eram os conhecimentos que possuía em relação à educação da criança.

Ao ingressar na carreira, as dúvidas e incertezas me assaltaram. Ser professora não era a mesma função de mãe, como eu pensava. As inquietações que me incomodavam levaram-me a buscas de novos conhecimentos.

Pretendo com este memorial, permitir a mim e a alguns educadores uma reflexão profunda, baseada em dados teóricos e práticos a fim de pensarem à educação a

luz de novas práticas, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem.

1. Aprendizagem mecânica, ou seja, memorística.

“Se eu tivesse que reduzir toda a Psicologia da Educação a um único princípio, eu formularia este: de todos os fatores que influenciam a aprendizagem, o mais importante consiste no que o aluno já sabe. Investigue-se isso e ensine-se ao aluno de uma forma conseqüente”.

David Ausubel

Escrever um memorial, segundo minha concepção, significa realizar um levantamento apurado dos meus tempos escolares, extraindo deste pressuposto o fundamento principal de uma educação real: a aprendizagem significativa. Pois bem, reflito esta questão devido a minha formação educacional, enquanto criança, ter sido norteada por duas vertentes antagônicas, concomitantemente, a aprendizagem formal e a aprendizagem não formal, porém complementares. São elas: a escola propriamente dita, onde se deu a aprendizagem mecânica e a Igreja Metodista, que também desempenhava a função de educar e onde se deu a aprendizagem significativa que marcou a minha formação educacional.

Com referência à escola pública que estudei; de pouca coisa me lembro, sei que fui educada como todos da minha época (década de 60), através do método tradicional. Porém, a memória é tão vaga que não cabe nenhum tipo de detalhamento, por mais simples que pareça em princípio.

Muitas vezes ouço minhas colegas, familiares e outros falarem sobre seus professores, particularidades, amigos e acontecimentos que lembram da sala de aula e eu não me recordo de nada. Simplesmente nenhuma lembrança por menor que seja, pois as mesmas foram totalmente apagadas de minhas memórias. Sinal visível e perceptível de que não houve uma aprendizagem significativa, todavia através deste método sistematizado e formal aprendi de forma mecânica, a ler e escrever. Houve a aquisição de conteúdos externos, impostos culturalmente, alheios à minha identidade e que pouco ou nada tinham a ver com o que havia de peculiar em mim. Sendo assim, não suscitou em mim a descoberta e a construção da minha identidade.

Hoje, após refletir sobre o porquê de minhas lembranças escolares terem sido esquecidas, me pergunto se não se devem ao fato de ter sido trabalhado conteúdos que

não eram essenciais ao meu desenvolvimento cognitivo. Segundo Coll (1994), o que acontece é que o aluno é capaz de atribuir unicamente significados parciais ao que aprende, “o conceito aprendido – ou a explicação, ou o valor, ou a norma de conduta, ou o procedimento de resolução de problemas – não significa exatamente o mesmo para o professor que ensinou que para o aluno que o aprendeu...” (COLL, 1994, p. 148).

Após diversas leituras, nas quais Coll (1994) destaca a condição de que o conteúdo possua uma certa estrutura interna, uma certa lógica, um significado em si mesmo para que os alunos possam construir significados próprios. Diante disso, dificilmente o aluno poderá construir significados se o conteúdo de aprendizagem é vago, está pouco estruturado ou é arbitrário; isto é, se não é potencialmente significativo do ponto de vista lógico.

Dessa forma, posso deduzir que as atividades desenvolvidas no período em que estive no primário não tenham sido apresentadas de maneira que a sua significância lógica ficasse realmente realçada, por isso, talvez o esquecimento.

Isso se deve também, ao fato de que no Brasil, a política educacional da época, estava mais voltado para um ensino mecânico ou mesmo técnico do que para uma aprendizagem onde os indivíduos se tornassem críticos, participativos e reflexíveis.

Que razões poderiam justificar essa tendência?

Em primeiro lugar, a aprendizagem significativa exige do aluno aquele tipo de comportamento da categoria compreensão, o qual Bloom (BLOOM 1957, apud RONCA, 1976) denomina de *tradução*, significando que, quando um aluno se defronta com uma comunicação ele pode organizá-la em outra linguagem, utilizando outras palavras.

No entanto, para que ocorra esse tipo de comportamento de compreensão é necessário que o aluno desenvolva certas capacidades como, por exemplo:

- Capacidade de abstração de uma linguagem técnica e de transformá-las em exemplos cotidianos;
- Capacidade de se apropriar de uma forma simbólica associando-a para outra forma e vice-versa, fazer leituras de gráficos, mapas, tabelas, para a forma verbal e vice-versa;
- Capacidade de tradução para uma linguagem própria, analisando as diferentes expressões dentro de um contexto de uma forma verbal para outra, etc.

Ora, como em geral, o aluno não tem estas capacidades desenvolvidas e como, em muitas circunstâncias, o ensino no Brasil está muito mais voltado para a categoria “conhecimento”, é muito mais provável que o aluno mostre tendência para

a aprendizagem mecânica do que para a aprendizagem significativa. Talvez seja esse um dos fatores, que influenciaram no decorrer da minha aprendizagem.

Segundo Ausubel (1968) há outras razões que podem justificar a preferência dos alunos pela aprendizagem mecânica:

- *Alguns professores esperam respostas com correspondência literal ao que foi ensinado;*
- *Falta de credibilidade do aluno em si próprio, alguns alunos não acreditam na sua capacidade de aprender significativamente;*
- *Para alguns estudantes têm a facilidade em criar a falsa impressão de haver entendido, memorizando algo que foi ensinado em contraposição a compreensão do significativo do conteúdo ensinado. Como era o meu caso, quando freqüentava o curso ginasial da época. (AUSUBEL, 1968, p. 62, Apud RONCA, 1976).*

Em segundo lugar, para que também possa haver possibilidade de ocorrer uma aprendizagem significativa, o material a ser aprendido deve ser potencialmente significativo para aquele aluno em particular, pois a aquisição de significados ocorre em seres humanos específicos e não na humanidade em geral.

De acordo com Ausubel:

“Para que ocorra realmente a aprendizagem significativa, não basta que o novo material seja não arbitrário e substancialmente relacionáveis a correspondentes idéias relevantes, no sentido abstrato do termo. É necessário também que tal conteúdo ideativo esteja disponível na estrutura cognitiva daquele aprendiz particular”.(AUSUBEL, 1968, apud RONCA, 1976, p. 40).

A partir disso, posso concluir a importância no processo de aprendizagem de variáveis como: conhecimentos anteriores, ocupação, cultura, classe social, etc.

Todas essas variáveis fizeram parte decisiva na minha educação formal sistematizada, pois qualquer manifestação cultural, tais como ir a um circo, a um parque de diversão, um cinema, assistir a um programa de televisão, etc, era terminantemente proibida.

Quanto a nossa classe social, éramos desprovidos economicamente de recursos que proporcionasse acesso a atividades culturais, passeios recreativos ou outros de

qualquer natureza. Não me lembro de alguém de minha família ter me presenteado com algum livro de história ou outro livro qualquer ou até mesmo de alguém me contando historinhas.

Acredito que essas variantes tenham contribuído para que meu aprendizado ocorresse de forma muito mais mecânica do que significativa. Isso porque, para mim, era mais fácil, criar a falsa impressão de haver entendido, guardando na memória algumas palavras do que realmente tentar compreender o significado do que estava sendo ensinado.

2. Aprendizagem Significativa

“O conceito de aprendizagem significativa é um instrumento útil e valioso para análise e reflexão psicopedagógica”.

César Coll Salvador

Talvez a variável mais importante no processo de ensino que tenha por objetivo a consecução de uma aprendizagem significativa é a estrutura cognitiva do aluno.

Portanto, a atuação do professor, numa sala de aula, deverá estar primordialmente voltada à utilização daquelas estratégias que facilitem, para seus alunos a aquisição de uma estrutura cognitiva adequada, pelas quais os conceitos mais amplos das diversas disciplinas estejam claramente estabelecidos.

O uso de conceitos e princípios numa dada disciplina que tenham o mais amplo poder de explanação, de extensão e generalização, o emprego de métodos de apresentação e ordenação do assunto que aumente a clareza e estabilidade da estrutura cognitiva são fatores que devem ser levados em consideração.

Nesse sentido, Ausubel (1968), propõe dois princípios que podem nortear a programação de um conteúdo, tendo em vista a facilitação da aprendizagem significativa: o *princípio da diferenciação progressiva* e o *princípio da reconciliação interativa*.

A partir do *princípio da diferenciação*, é proposto que sejam apresentadas as idéias mais gerais em primeiro lugar na programação dos conteúdos, para depois serem paulatinamente diferenciadas em termos de detalhes e particularidades.

De acordo com Ausubel (1968), é menos difícil para o ser humano compreender o sentido de aspectos diferenciados, a partir de um todo mais amplo já aprendido, do que formular o todo a partir de partes diferenciadas previamente aprendidas e que, a

organização de um conteúdo específico por parte de um indivíduo consiste em uma estrutura hierárquica, na qual as idéias mais gerais ocupam uma posição no ápice da estrutura e progressivamente estão as proposições e conceitos menos inclusivos.

Com a formulação desse princípio, percebe-se a preocupação de que o aluno tenha disponível, na sua estrutura cognitiva, aquelas idéias mais amplas que poderão incluir, abranger idéias mais concretas.

No entanto, o que se nota é que esse princípio não é muito respeitado entre os professores. Uma vez que a prática mais comum entre os mesmos, ao prepararem um material didático, quando desenvolvem um curso, uma aula, é separar o conteúdo por tópicos, em unidades distintas; sem levar em consideração os diferentes níveis de abstração e generalidade. Assim, em muitos casos, exige-se do estudante que aprenda detalhes, aspectos particulares de uma nova disciplina antes que tenha adquirido um “corpo” de conhecimento em nível apropriado de exclusividade. Conseqüentemente, o aluno tratará o material potencialmente significativo de uma forma mecânica e a aprendizagem também será mecânica. E isso me preocupa, pois, não gostaria de me incluir entre esses professores.

Hoje, podendo refletir melhor sobre minha prática cotidiana, compreendo que era exatamente dessa forma que preparava os conteúdos programados, totalmente descontextualizados do processo e necessidades sociais.

Cabe aqui, recorrermos ao princípio da reconciliação integrativa, colocada de maneira bem sintetizada. Por exemplo, um rolo de abrir massa de pastel tem o mesmo princípio de um trator com rolo compressor, usado para a sedimentação do asfalto. Mas, já o conceito de racionalização, no sentido psicológico trata-se de um mecanismo de defesa definido pela busca de razões não verdadeiras para justificar comportamentos ou crenças. Para o senso comum, de acordo com Aurélio (2000), racionalizar significa *tornar mais eficientes os processos de trabalho na indústria, na agricultura, etc, pelo emprego de métodos científicos*. Portanto, dois significados bem distintos que precisam ser percebidos pelos alunos.

Esse princípio da diferenciação propõe que, na apresentação de um conteúdo, o professor procure tornar claras as semelhanças e diferenças entre idéias, quando estas são encontradas em vários contextos.

A estratégia pedagógica proposta por Ausubel (1968) para levar à prática os princípios da diferenciação progressiva e reconciliação integrativa a fim de facilitar a aprendizagem significativa, envolve o uso de organizadores prévios.

O organizador é um material introdutório que é apresentado ao estudante antes

do conteúdo que vai ser aprendido. É formulado em termos que já são familiares ao aluno e apresentados num nível mais alto de abstração e generalidade. Consiste em informações amplas e genéricas, que servirão como pontos de ancoragem para idéias mais específicas, que virão no decorrer de um texto didático ou de uma aula.

O organizador pode assumir uma variedade de formas: pode ser uma demonstração, uma pergunta, uma afirmação, um filme ou mesmo um teatrinho. E, isso tudo me foi oportunizado na educação não-formal propiciada pela igreja.

As idéias de Ausubel (1968) marcaram essa etapa nova em minha vida. O novo aprendizado, as novas descobertas proporcionadas pela faculdade me fizeram refletir e relacioná-las com minha prática. Muitos fundamentos me eram desconhecidos. Por exemplo, me lembro de uma das aulas de educação infantil terem levantado o assunto sobre o direito da criança à Educação e que, as diretoras das creches utilizam processo de seleção para excluir algumas das crianças inscritas para a vaga, devido à demanda, a creche não comporta todas as crianças. Dessa forma, as mães que não trabalham fora de suas casas fazem com que seus filhos percam o direito à Educação. Como se a responsabilidade fosse das mães e não do governo, o foco da lei que garante a Educação à criança a partir de zero ano não estar sendo cumprido, provocou discussão e está sendo combatida com a construção de novas unidades. Esse direito que garante a criança a Educação me era desconhecido, pois ainda tinha a idéia de creche ser assistencialista, “depósito” de crianças enquanto as mães trabalhavam.

Fui absorvendo os novos conhecimentos como uma criança que se delicia diante de um enorme sorvete.

3. Características do Letramento

“Letramento é, sobretudo, um mapa no coração do homem, um mapa de quem você é, e de tudo que você pode ser”.

Magda B. Soares

Nesta questão, vou refletir um pouco a respeito do termo “letramento”, que merece uma discussão, pois de certa forma apresenta características familiares com as

da aprendizagem significativa, através dos estudos de Leite (2003) que se debruçou sobre esse assunto com bastante profundidade no qual afirma:

“Pensar na alfabetização numa perspectiva de letramento significa, portanto, desenvolver atividades e experienciar situações que envolvam a leitura e a escrita numa perspectiva crítica e não do ponto de vista adaptativo de simples codificação e decodificação do código escrito. É preciso promover a reflexão sobre a escrita para que ela seja compreendida nos usos e nas funções sociais presentes no cotidiano. Cabe aos educadores oferecer oportunidades para essa reflexão por meio do grande desafio que é alfabetizar letrando”. (LEITE, 2003, p. 134).

Sendo assim, segundo Leite (2001), o desafio do alfabetizador é alfabetizar letrando, portanto utilizar-se de textos verdadeiros durante a alfabetização, partindo do todo para partes fragmentadas, como afirma Ausubel (1968).

De acordo com estudos feitos sobre o termo letramento, por Soares (1998), o uso de termo surgiu por volta da segunda metade dos anos 80. Sendo que no N Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa não há registro da palavra letramento.] palavra aparece, porém, num dicionário da língua portuguesa, editado há mais de um século, o Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Caldas Aulute: na sua 3º edição brasileira, o verbete “letramento” caracteriza a palavra como “ant-”, isto é, “antiga, antiquada”, e lhe atribui o significado de “escrita”; o verbete remete ainda para o verbo “letrar” a que, como transitivo direto, atribui a acepção de “investigar, soletrando” e, como pronominal “letrar-se”, a acepção de “adquirir letras ou conhecimentos literários” - significados bem distantes daqueles que hoje se atribui a letramento.

Portanto, essa palavra é uma versão para o Português da palavra inglesa *literacy*, ou seja, é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está à idéia de que a escrita traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, lingüísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la.

Esse esclarecimento feito por Soares (1998), a respeito da palavra letramento, me suscitou diversos questionamentos sobre as diversas maneiras com que a igreja se utilizava a educação para levar o indivíduo à condição de letrado, tornando-o assim um agente transformador. Isso demonstra a intencionalidade da igreja em provocar mudanças sociais, religiosas e comportamentais junto à comunidade, para que os indivíduos pudessem desenvolver a capacidade de uso social da escrita tornando-se dessa forma um sujeito crítico, ativo e participativo diante do contexto social e político do momento, ou seja, um indivíduo letrado.

Há um poema no livro de Magda Soares (2002, p.41) onde uma norte-americana, de origem asiática, Kate M. Chong, define letramento de uma forma bem significativa.

O que é letramento?

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade
nem um martelo
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão
é leitura à luz de vela
ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,
o tempo, os artistas da TV
e mesmo Mônica e Cebolinha
nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoito,
uma lista de compras, recados colados na geladeira,
um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas

de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um Atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.

Letramento é sobre tudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.

Todos esses tipos de atividades que são propostos no poema são significativos à criança, pois faz parte de seu cotidiano. Ela pode usar em qualquer momento, em qualquer situação. Dessa forma entendera melhor sua responsabilidade junto à sociedade da qual faz parte. Sabendo da importância de exercer sua cidadania de forma correta.

As atividades propostas pelo poema fizeram parte do meu cotidiano, pois quando ouvíamos histórias sobre os personagens da Bíblia, elas nos eram passadas de forma diversificadas. Eram contadas através de teatro, ao ar livre, debaixo da sombra de uma árvore e outras formas. Os personagens dessas histórias tornaram-se meus heróis. Aprendia a encontrar nos mapas cartográficos os lugares onde viveram. Sendo assim, foi passada para mim a importância de saber o que se passava com as personalidades do meu país para que eu me conscientizasse do meu papel em minha comunidade. Segundo as histórias, os grandes reis eram responsáveis pelos acontecimentos históricos que ocorriam na sociedade da época, assim os políticos também são responsáveis pelas decisões que fazem parte de nossas vidas atualmente.

Diante do exposto, levar a criança a entender que temos personagens na política que fazem parte de nossa história e com esses políticos temos que ficar atentos, pois eles são responsabilidades de cada um de nós.

Para isso a criança não pode apenas decodificar símbolos, mas se envolver de forma significativa com seu aprendizado. E o letramento possibilita com que esse aprendizado seja significativo criando condições para aquisição de uma consciência crítica das contradições da sociedade em que os homens vivem e dos seus objetivos. Estimula também a iniciativa e a participação do homem na criação de projetos capazes de atuar sobre o mundo, de transformá-lo e de definir os objetivos de um autêntico desenvolvimento humano.

Por isso a criança tendo sido letrada de forma significativa, mesmo que ela não faça uso imediato daquilo que adquiriu no processo de ensino-aprendizagem no momento, ela poderá recorrer a esse aprendizado e fazer uso dele para qualquer necessidade, como afirma Ausubel (1968).

4. Educação Não - Formal

“... Cabe salientar que o surgimento da educação não-formal não se dá com o objetivo de ocupar o espaço ou substituir o papel da educação formal e da informal, mas para dividir e partilhar os diferentes fazeres desse novo tempo”.

Valéria Aroeira Garcia

Por tudo o que já foi exposto, relembrar as atividades educacionais em que estive envolvida de maneira não-formal, na Igreja Metodista é extremamente prazeroso, pois, além de terem preenchido substancialmente o vácuo deixado pela escola formal, marcou um período muito feliz da minha infância, através de várias atividades como: o flanelógrafo, onde construíamos, montávamos e contávamos as histórias... Cartazes criados e desenvolvidos por nós, com grande respeito à nossa criatividade, considerando sem dúvida a “bagagem” adquirida anterior a nossa aprendizagem realizada pela igreja... E, como não poderia deixar de mencionar, as inesquecíveis revistas, que compunham um rico material didático, desenvolvido para diversas faixas etárias, de

modo a tornar cada vez mais complexo e diversificado os desafios, despertando em nós o desejo de solucioná-los gradativamente e sucessivamente...

Hoje, posso entender melhor porque eram utilizados esses recursos didáticos na introdução de cada tema a ser desenvolvido para a evangelização. A igreja necessitava de multiplicadores para realizar seu trabalho, por isso preparou um grupo com recursos e estratégias bem definidos, que pode ser até, por que não, comparado com os métodos propostos para o desenvolvimento de um indivíduo letrado, termo esse, tão usado atualmente.

Na época, ainda criança, não havia como entender o porquê das atividades desenvolvidas na igreja serem mais prazerosas do que as da escola formal. Hoje, entendo que essas atividades eram trabalhadas segundo a estratégia dos organizadores prévios e também por ser uma instituição não-formal a transmissão de conhecimentos acontecia de uma forma não obrigatória e sem a existência de mecanismos de repreensão em caso de não-aprendizado.

A educação não-formal realizada pela igreja era executada por membros da sociedade que se dispunha ao trabalho voluntário, orientado por norte-americanos, que tinham um objetivo em comum, por isso, as práticas estabelecidas eram consideradas como ponto fundamental para o desenvolvimento do trabalho, constituindo laços de afetividades com os participantes.

A apresentação de grandes heróis da Bíblia era feita através de: histórias contadas, fazendo uso do flanelógrafo; um objeto relacionado ao assunto; teatro de fantoche, marionetes e representados também por adultos e crianças. Utilizavam-se dessa maneira, de vários recursos como material introdutório. Dessa forma pode-se pensar na afirmação de Leite (2001), que diz:

“... enfatizar o caráter simbólico da escrita, entendendo-a como um sistema de signos cuja essência reside no significado subjacente a ela, o qual é determinado historicamente e culturalmente; assim uma palavra escrita é relevante pelo seu significado compartilhado pelos membros da comunidade”.

(LEITE, 2001, p. 45).

Não obstante, é preciso ressaltar a intenção da Igreja em evangelizar através da educação, por diferentes práticas as quais, embora mediadas por relações educacionais, não eram consideradas como educação por não obedecerem a uma série de requisitos

formais, apesar de estarem construindo, nos alunos, diferentes modos de vivenciar e compreender o processo de ensino e aprendizagem.

Fazendo uma breve reflexão sobre as propostas de educação não-formal oferecida pela igreja, consigo visualizar um pouco a respeito da demanda da época (década de 60), devido à implantação dos crescentes números de escolas no Brasil, a educação precisava de novas soluções pedagógicas.

A igreja viu então a oportunidade de garantir a construção de um vínculo afetivo entre as partes que participavam dessa proposta visando à elaboração de práticas significativas para a população envolvida. Para o desenvolvimento dessas práticas educativas costumava se utilizar e explorar as mais diversas formas de linguagem e expressão: corporal, artística, escrita, teatral, imagética e outras. Nessa multiplicidade de práticas, encontrava maneiras de se reelaborarem a valorização e auto-estima da população com a qual trabalhava, fornecendo uma pluralidade de possibilidades de comunicação e, assim, abrindo-se canais para a expansão e a explicitação de sentimentos, emoções e desejos.

O ponto mais importante era que eu gostava muito de freqüentar essa igreja. Não entendia e nem tinha consciência de que o objetivo da mesma era a evangelização, apenas me deleitava em participar de tudo que era proporcionado para minha faixa etária.

Nas férias escolares, promoviam um acontecimento marcante chamado “Escola Bíblica de Férias”, quando aprendíamos histórias bíblicas através de brincadeiras e das diferentes linguagens já citadas. Nunca as esqueci, afinal, elas foram muito significativas para minha formação.

Gostava de participar de todos os eventos em que eu pudesse recitar. Decorava e memorizava perfeitamente todas as poesias. Era sempre a primeira a me oferecer para decorá-las. Tínhamos gincanas no final do evento, premiação para quem não faltava nem um dia, para quem apresentava os trabalhos feitos em ordem e com capricho e outros tipos de estímulos. Isso sim foi significativo para mim.

Isso tudo, às vezes, me inquieta... Lembro-me de tantos detalhes da educação não-formal, então, porque é que não me lembro de nada da escola, educação formal? Por que tudo foi apagado da minha memória? Será que houve algum fato tão desagradável assim, que me fez esquecer de tudo? Não sei. Não encontro respostas para isso.

Eu me lembro de quando terminei a quarta série. Isso eu me lembro, pois senti um enorme alívio e também uma grande tristeza. Alívio por ter terminado a escola, tristeza por não poder mais frequentar o Parque Infantil.

Terminou assim minha educação sistematizada e ingressei no o mercado de trabalho relacionado ao campo infantil, como babá dos filhos gêmeos de uma professora do Parque Infantil. Minhas obrigações como babá eram as de brincar e cuidar dos meninos; envolviam tarefas, tais como: dar comida, mamadeira, sucos, água, trocar as fraldas, etc. Havia na casa uma empregada responsável para fazer a alimentação e as demais tarefas domésticas, pelo banho e outras atividades que eram consideradas perigosas de serem realizadas por mim.

Acabou assim, minha infância. Que acredita, Marcelino (1990, p 26) “que negar a possibilidade de manifestação do lúdico é negar a esperança”.

5. O Lúdico se fez Presente

“Creio que a consideração da infância como o reinado absoluto do lúdico advém de uma abstração da criança, que não a enxerga como integrante da sociedade concreta”.

Nelson Marcelino

Para complementar a formação que recebi na infância e, que sem dúvida norteiam à minha prática, não posso deixar de citar a experiência vivida no Parque Infantil. Este espaço, também ocupa um lugar marcante em minha memória, pois tais momentos foram responsáveis pelo desabrochar da minha infância, permitindo que o lúdico se incorporasse a rotina e os espaços amplos acelerassem a criatividade de todos nós, através da sua exploração.

Vale ressaltar, que essa experiência vivida se deu juntamente com o período escolar. Frequentava o Parque Infantil em horário oposto ao escolar como acontece agora com os Clubins, Educação Complementar, Espaço de Lazer da Infância, como são chamados atualmente na minha cidade, Piracicaba.

Lembro-me, que todos os anos tinha que ser examinada clinicamente no Posto de Puericultura e me vacinar, pois nunca apresentava a marca das vacinas anteriores.

Marca essa exigida pelo médico para comprovar que já havia sido vacinada anteriormente. Esse era um dos momentos do qual não gostava, mas enfrentava o medo ao tomar a vacina compensada pelo prazer de freqüentar o parque.

Como em todos os tempos as diferenças de classes sociais, são visíveis e reais, mas no Parque Infantil do meu tempo, este assunto era totalmente descartado, uma vez que brincávamos, todos juntos sem diferenças, tampouco preconceitos. Deste modo, seria pertinente citar Kuhlmann Jr. (2001), que através de seus estudos enfatiza e explora a importância dos Parques Infantis como um espaço de produção da cultura infantil, através do lúdico, bem como as intenções implícitas, como por exemplo, a doutrinação da criança para o mundo adulto. Assim...

*“(...) As idéias de Mario de Andrade sobre a criança e o Parque Infantil valorizavam uma nova referência para a nacionalidade, com elementos do folclore, da produção cultural e artística, das brincadeiras e dos jogos infantis”.
“Mas os Parques Infantis também incorporam a ênfase na Educação Física... Ali a educação moral e a formação do cidadão passam pelo cultivo da polidez, da ordem e do senso estético, por meio de exercícios regrados conduzidos pela mestra. Mas nos dois casos alega-se estar levando em conta as necessidades da criança, o que se tornará um argumento recorrente”. (KUHLMANN JR., 2001, p. 473)*

Mesmo passando pelo cultivo da polidez, o Parque Infantil foi tão relevante na minha formação educacional quanto à igreja. Foram esses tipos de educação não-formais que permearam a minha infância de aprendizados prazerosos e significativos. Nessa época, pude experimentar dois tipos de aprendizados, diferentes, porém singulares.

Vale ressaltar aqui novamente, o fato do meu esquecimento total com referência as lembranças dos acontecimentos da educação formal, já que essa educação acontecia no mesmo período em que ocorria a educação não-formal.

Foi um período que tinha de seis a dez anos de idade e o lúdico era totalmente presente no meu desenvolvimento. E segundo Marcelino (1990), os argumentos que

devem embasar a necessidade da vivência plena do componente lúdico da cultura da criança são:

“O primeiro e fundamental aspecto sobre sua importância é que o brinquedo, o jogo, a brincadeira, são gostosos, dão prazer, trazem felicidade. E nenhum outro motivo precisaria ser acrescentado para afirmar a sua necessidade. Mas deve-se considerar também que, através do prazer, o brincar possibilita a criança a vivência de sua faixa etária e ainda contribui, de modo significativo, para sua formação como ser realmente humano, participante da cultura da sociedade em que vive, e não apenas como mero indivíduo requerido pelos padrões de produtividade social”. (MARCELINO, 1990, p. 227).

Esses dois tipos de educação me formaram mais como uma cidadã com valores morais, éticos e religiosos do que como indivíduo com qualificações para o mercado de trabalho.

6. Mãe X Professora

“Mudar padrões estruturados no início da vida é uma das lições mais difíceis de se aprender e de ensinar. Geralmente, acreditamos que os hábitos seguidos durante toda uma vida não possam ser alterados e, portanto, sentimos que somos limitados em certos aspectos. No entanto, não existe real m nenhuma limitação quanto ao que podemos realizar, apreciarmos, de verdade, todas as oportunidades que a vida nos oferece. Podemos romper com nossas limitações auto-impostas, fazer mudanças enormes e descobrir novas habilidades que nunca antes imaginávamos possuir. Mais importante ainda podemos ganhar consciência das nossas verdadeiras responsabilidades”.

Tarhang Tulku

Minha vida já não tinha o mesmo encantamento das brincadeiras vivenciadas no Parque Infantil ou das ruas do meu bairro. Já não tinha mais tempo para brincadeiras. Agora as brincadeiras eram feitas junto às crianças que eu tinha responsabilidade de olhar, cuidar, tratar e entretê-las.

A igreja ainda estava lá, mas eu só podia freqüentá-la aos domingos de manhã. Aos amigos da rua, não sobrava muito tempo. Comecei a viver de escolhas, pois já não dispunha de tempo suficiente para o meu lazer. O trabalho tomava todo o meu tempo.

Minhas obrigações começavam na segunda-feira de manhã. Caminhava cerca de trinta minutos para chegar até a casa dos meus patrões e só findavam aos sábados à tarde, quando meus patrões me traziam de volta para minha casa.

Apenas o domingo era pouco para fazer tudo de que tinha vontade e que antes estava acostumada a fazer. Brincar, decorar as poesias, participar dos eventos promovidos pela igreja, ocupava todo o meu domingo e não sobrava tempo para mais nada. Mas, algo fatal aconteceu...Nos mudamos para outro bairro, longe da igreja e, para ajudar, não tinha transporte coletivo que circulasse próximo da casa nova. Tudo ficou longe. Meu trabalho, a igreja, meus amigos de rua, minha avó, que eu amava tanto, etc.

Meu pai passou a me levar ao trabalho, na segunda-feira, com o carro que ele havia comprado. Aos sábados, meus patrões me traziam de volta. Eu estava feliz com a casa nova, agora também tínhamos um carro, novos amigos, enfim, tudo era excitante.

Apenas uma questão me aborrecia: não podia curtir meu quarto. Quando morávamos com minha avó tínhamos que dormir todos juntos em apenas um quarto.

Meus pais e cinco crianças...Todos em um único quarto. Agora não tínhamos necessidade de dormirmos todos em um único quarto. Minha casa nova tinha três quartos. Um para os meus pais, um para mim e minha irmã e outro para meus três irmãos. Calma! Eu não tinha me mudado para uma mansão, apenas para uma das casas populares que haviam sido construídas para a classe menos favorecida economicamente, como era o caso de minha família.

Mas como tudo na nossa vida vive em uma constante transformação, a minha começou a tomar outro rumo novamente. Minha patroa que tinha sido minha professora no Parque Infantil deixou de trabalhar. Sendo assim, ela não precisava mais dos meus serviços de babá. Voltei para casa em tempo integral. Estava feliz como nunca. Comecei a fazer novos amigos pelo bairro e a freqüentar o Zoológico de Piracicaba, que ficava vizinho a minha casa. Assim começou uma nova etapa em minha vida.

Minha mãe se preocupava muito com essas novas amizades, uma vez que ela não conhecia as pessoas, pois, ali não era como em meu bairro antigo, onde todos se conheciam desde a infância. As pessoas que se mudaram para aquele bairro eram oriundas de vários lugares da cidade e, não tínhamos como saber se eram confiáveis, segundo minha mãe.

Ajudava minha mãe com os afazeres domésticos e bordava barrados de lençóis para contribuir com a renda familiar, porque não tinha mais os rendimentos do meu trabalho como babá. Para mantermos a casa nova, tínhamos que contribuir com o orçamento. Minha irmã mais velha trabalhava de doméstica, meu irmão mais velho de ajudante em um posto de gasolina e, eu tinha que ajudar minha mãe com os bordados, pois meus dois irmãos mais novos estavam ainda na escola, freqüentando o primário.

Como minha mãe nos vigiava muito, por medo que nos relacionássemos com pessoas não confiáveis, eu queria achar um jeito de me libertar dela. Quando tudo parecia ter ficado maravilhoso, percebi então que começava a me aborrecer.

Fazendo uma reflexão sobre as mudanças rápidas que haviam acontecido em minha vida, não gostei do que vi. Havia perdido muita coisa. Minha infância havia ficado para trás, não tinha nada de novo a minha frente. Agora minha vida se resumia a trabalhar nos afazeres domésticos e os bordados. Não podia sair de casa com ninguém, ir a lugares novos, conhecer mais pessoas, tudo devido ao medo que minha mãe tinha de que algo ruim nos acontecesse. Perdi a convivência com a igreja, não tinha mais aqueles momentos tão prazerosos que tanto contribuíram para minha formação.

Comecei a sentir um grande vazio, cujos bens materiais que havíamos conquistado já não preenchia. Foi então que surgiu a oportunidade de começar a freqüentar novamente a escola. Já então com treze anos, em plena adolescência me aborrecia com as freqüentes pressões de meus pais, tudo me era negado, nada era permitido, nada podia. Essa era a oportunidade de me ver livre dessa opressão. Foi assim que retomei meus estudos, após três anos fora da escola.

Lembro-me que tive que freqüentar um curso preparatório e depois passar por um exame de admissão. Se fosse admitida começaria a freqüentar a primeira série ginásial. Retomei assim a minha educação formal.

Como me sentia perdidamente triste por não poder mais freqüentar a igreja, antes vizinha da minha casa, agora distante e impossível de freqüentá-la devido às dificuldades de transporte, meus pais concordaram em me deixar retomar meus estudos,

mesmo sendo a escola um pouco distante, havia outras colegas que serviriam de companhia.

Começou uma nova etapa da minha vida, a qual marcou para sempre meu destino. Como já relatei, meus pais me oprimiam muito, pois até minhas amizades eram controladas a risca. Voltar estudar para mim foi mais um meio de fuga dessa opressão do que a importância da oportunidade de retomar meus estudos.

Meus pais começaram então a ter mais confiança nas pessoas, pois, com o passar do tempo, todos do bairro foram se conhecendo melhor e minha irmã já tinha se casado com um rapaz do local. Não deu certo esse casamento. Durou apenas quatro anos e ela se divorciou. Mesmo assim para mim as coisas foram melhorando. Meus estudos iam a todo o vapor, era a melhor aluna da classe. Isso fazia com que meus pais tivessem mais confiança em mim, eles achavam que se eu estava recebendo notas boas na escola era porque estava tudo bem, sendo assim, eu estava freqüentando regularmente e estudando direitinho. Mas não era isso que acontecia. Eu faltava freqüentemente das aulas para passear em quase todos os lugares que eles não permitiam que eu fosse. Quando estudava no período diurno ia aos lugares que eram possíveis de serem freqüentados nesse período. Freqüentava sessões de cinemas, passeava pelo centro da cidade e outros lugares turísticos da cidade.

Era muito fácil para eu tirar notas boas, pois como já relatei, tinha muita habilidade para decorar. Essa habilidade tinha sido muito desenvolvida nas atividades vivenciadas na igreja e como o ensino estava mais centrado na memorização de informações do que desenvolver um aprendizado significativo para o aluno, era só copiar as matérias dadas pelos professores e decorá-las. Respondendo às questões, que eram apresentadas nas avaliações realizadas, de acordo com as respostas literalmente elaboradas pelo professor, sem tirar ou por uma vírgula se quer, garantia assim sempre notas máximas e para os meus pais estava tudo bem, pois as notas refletiam, para eles, que eu estava freqüentando normalmente as aulas.

Foi nesse período que conheci meu marido, namoramos por dois anos, engravidei e casei, deixando assim, para trás meus estudos, sem terminar o último semestre da, agora, oitava série do Ensino Fundamental.

Ocorreu, pois, que, estava cursando o segundo ano ginasial, como era denominada essa série na época, a lei educacional foi modificada e, extintos o curso primário e o ginasial, passando para fundamental, com obrigatoriedade de freqüência por oito anos escolar.

Agora, casada e já com quatro filhos, comecei a refletir, sobre as metodologias usadas para a alfabetização dos meus filhos, quando esses iniciaram o período escolar, ressaltando que essas reflexões eram feitas dentro do meu senso comum, desconhecendo as diferentes teorias elaboradas sobre o desenvolvimento cognitivo da criança. Sempre buscava relacionar algo de dentro de casa, que fizesse parte do nosso cotidiano e assim eles pudessem fazer alguma relação com o novo aprendizado tornando-os significativos para eles.

Assim foram se passando os anos e minha vida se resumiu aos cuidados da casa e dos filhos. Já não morava mais no mesmo bairro de quando era solteira. Tínhamos comprado uma casa em um bairro em formação, por isso, não havia infra-estrutura. Contávamos apenas com a energia elétrica e a rede de esgoto.

Até que, após diversas assembléias que aconteceram entre os moradores, resolveram executar diversas obras, principalmente por ser um ano de eleições. As ruas foram asfaltadas, o transporte coletivo, que não tínhamos, passou a circular em nosso bairro, houve a construção de uma escola do ensino fundamental, já que nossas crianças tinham que frequentar uma escola bem distante em um bairro vizinho.

E assim houve um crescimento visível, de melhorias para todos, o que fez com que novas residências fossem construídas, aumentando a população do bairro. A escola então passou a oferecer o ensino fundamental a partir da sétima série, no período noturno devido a esse crescimento populacional. Como não havia um número suficiente de alunos para formação da sala de oitava série, eu e outras pessoas mais velhas em relação à faixa etária dessa série, retomamos nossos estudos para que a sala pudesse funcionar com o número necessário de alunos.

Foi assim que retomei meus estudos, após tantos anos sem ligação com qualquer outro tipo de educação formal, concluí a oitava série juntamente com minha primeira filha. Deixei os estudos porque havia me engravidado dela e agora iríamos concluí-lo, juntamente.

Quando minha irmã se divorciou meus pais assumiram a responsabilidade de ajudá-la na criação dos seus dois filhos, portanto, eu não podia contar com eles.

Na família do meu marido, todos trabalhavam. Meu sogro, minha sogra e minhas cunhadas tinham seus compromissos, sendo assim não podia contar com o auxílio deles para quase nada, muito menos para voltar a estudar.

Foi um período muito árduo para mim. Retomar meus estudos não foi nada fácil. Encontrei vários empecilhos no percurso desse caminho. Houve muitas críticas por

parte dos familiares que me recriminavam, dizendo que estava abandonando minhas obrigações de mãe, esposa e dona de casa, para me aventurar em algo desnecessário para minha vida e que eu já estava muito velha para voltar a estudar. Meu marido foi um grande incentivador na retomada desse processo em minha vida.

Após concluir a oitava série, minha filha tinha que se mudar para outra escola, já que a mesma não oferecia o ensino médio. Como eu também havia concluído a oitava série, fomos juntas buscar alguma instituição que oferecesse um curso satisfatório.

Minha filha decidiu que queria fazer o curso de contabilidade, que era oferecido por uma instituição pública, pois nos não tínhamos condições para arcarmos com despesas educacionais em instituições particulares. Ela havia estudado na escola do Sesi anteriormente e agora iria dar continuidade em escola pública.

Meu marido que sabia do meu desejo de dar continuidade aos meus estudos sugeriu que eu fosse estudar juntamente com ela. Assim economizávamos com a despesa de transporte. Utilizaria o carro para levar todos a escola e no retorno passaria recolhendo-os. Poderia assim perfeitamente freqüentar o ensino médio, pois os meus quatro filhos estariam nesse período na escola e eu não precisaria do auxílio de ninguém.

Entre os cursos que eram oferecidos, o que mais me atraiu foi o magistério. Afinal, tinha tudo a ver com minha vida nos últimos anos. Fui babá de filho de outros, era babá de meus filhos, com muito mais responsabilidade que antes. Era uma profissão dita como feminina, minhas habilidades naturais para o cuidar das crianças tinham sido largamente exercitadas nos últimos anos com o cuidar dos meus filhos. Era assim que eu pensava. De que não havia diferença em cuidar dos meus filhos em casa e cuidar dos filhos dos outros na escola, essa dualidade de idéias que me convenceu e optei em cursar o magistério. Com os meus conhecimentos, naturalmente femininos, o gostar de crianças e a vocação me qualificavam perfeitamente para o papel de professora.

Com dificuldades terminei o curso. Digo dificuldades, pois, como já relatei, não tinha apoio dos familiares próximo e meu marido estava atravessando um período de muitas viagens em seu trabalho. Isso dificultava as contribuições que ele prestava para me auxiliar.

Alguns meses depois de ter concluído o magistério, assumi uma classe de Ciclo Básico. As crianças pertencentes a essa sala não podiam prosseguir em outras séries enquanto não atingissem o nível de habilidades suficientes para isso.

Foi um dos maiores desafios da minha vida. Vi-me professora de crianças que, através de seus olhares me pediam socorro. Agora era hora de como mãe e professora me debruçar sobre esse trabalho e pensava que como num passe de mágica iria resolver todos os problemas de aprendizagem daquelas crianças.

Mas não foi bem isso que ocorreu. Passei por um período muito angustiante de minha vida. Não conseguia relacionar muito bem o conhecimento adquirido no magistério e com o que estava vivenciando.

Buscava trabalhar os conceitos necessários para a aquisição do conhecimento de forma organizada, segundo as idéias apresentadas por David Ausubel, mesmo sem saber o que estava fazendo. Mas a ânsia de ensinar aquelas crianças a ler e escrever me impulsionava.

Como aquelas crianças já haviam freqüentado as séries iniciais por dois anos, comecei fazendo uma sondagem sobre o que eles já sabiam e como iria dar continuidade a esses conhecimentos. Descobri então, que eles tinham noção da importância da escrita como inserção social, mas estavam se sentindo desacreditados pela família, colegas e pela própria escola que formou a classe como sendo constituída por todos os “repetentes do ano”.

Fiz o que pude na época com os poucos conhecimentos que possuía e nenhuma prática até então. Toda essa problemática foi inquietando-me. Não sabia a quem recorrer, me sentindo em um trabalho solitário dentro da minha sala de aula.

Procurava de diversas formas tornar todas as atividades desenvolvidas a mais significativa possível para meus alunos, oportunizando-os assim a alcançarem a aprendizagem.

Mesmo sem saber da importância dos “conhecimentos prévios” defendidos por Ausubel (AUSUBEL, 1960, apud RONCA, 1976), procurava sempre sondar esses conhecimentos junto às crianças e assim buscava dar continuidade ao aprendizado de forma significativa para eles.

Foi um ano de muito trabalho, pesquisa e estudos. Recorri a todos os cursos de capacitação que eram oferecidos para buscar auxílio as minhas inquietações.

Quando chegava na sala de aula, tentava aplicar o que havia aprendido. Fazendo assim da minha sala um laboratório de aprendizagem pessoal. Dessa forma me sentia frustrada quando utilizava algumas das estratégias aprendidas e não conseguia atingir os objetivos propostos.

Mesmo enfrentando inúmeras dificuldades, cheguei ao final do ano com praticamente todos lendo e escrevendo. E o mais importante, sentindo que havia preparado meus alunos como indivíduos capazes de interferir com responsabilidade no processo de mudança social. Visto que, havíamos começado pela suas próprias mudanças, pois, de certa forma, havia tornado a incluí-los em um contexto social, do qual estavam sendo excluídos.

7. Ingresso à faculdade

Dando prosseguimento à minha formação acadêmica, ingressei na UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, no curso de Pedagogia, efetivando deste modo, elementos norteadores e conclusivos, a fim de alicerçar meus conhecimentos prévios, teóricos e práticos, trazendo-me segurança para desenvolver junto aos meus alunos um aprendizado significativo, pois leciono para alunos de 4ª série, em escola Municipal da Rede Pública e percebo o descaso e o não comprometimento para com a educação nas diversas esferas (Municipal, Estadual e Federal) e para com esses alunos, excluindo-os num processo visível e acelerado.

Lembro-me então de minha infância e percebo que este processo de exclusão, iniciado no meu tempo ou até anterior a ele, progrediu substancialmente e precisa eminentemente ser refreado. Para tal, tento usar as únicas armas que possuo: a busca pelo conhecimento e a aplicação do mesmo. Considero, pois, como uma ação preliminar, o aprendizado significativo, a fim de permitir um avanço relevante em diversas direções, possibilitando um desenvolvimento integral (crítico, reflexivo e instrucional) para que de posse de tais conhecimentos, meus alunos passem a exercer fundamentalmente sua cidadania, como sempre defendeu nosso ilustre educador Paulo Freire.

Com relação à prática pedagógica, foram as constantes reflexões feitas no decorrer do curso que me fizeram ver o quanto é importante criar e recriar diante da realidade que nos é apresentada e dessa forma ver que minhas opções metodológicas não são estáveis, por isso a necessidade de buscar constantemente novas ações, num interminável processo de construção e desconstrução.

Nesse sentido, me debrucei sobre os estudos feito por Ausubel (1960, apud COLL, 2000), que afirma:

“... na aprendizagem significativa há três vantagens essenciais em relação à aprendizagem memorística. Em primeiro lugar, o conhecimento que se adquire de maneira significativa é retido e lembrado por mais tempo. Em segundo lugar, aumenta a capacidade de aprender outros materiais ou conteúdos de uma maneira mais fácil, mesmo se a informação original for esquecida. Em terceiro lugar, e uma vez esquecida, facilita a aprendizagem seguinte – a” reaprendizagem “, para dizê-lo de outra maneira. A explicação dessas vantagens está nos processos específicos por meios dos quais se produz a aprendizagem significativa”. (COLL, 2000, p. 233)

Sendo assim, é nesse aspecto que, como educadora, tenho um grande desafio pela frente. Como aproveitar realmente todas as informações e as experiências que os alunos trazem consigo? Como planejar o programa educacional a ser desenvolvido a partir do aluno? E, finalmente, como trabalhar com a estrutura cognitiva do aluno a fim de que ela seja cada vez mais clara e bem organizada? Alguns destes questionamentos podem ser respondidos, num diálogo reflexivo com Coll (2000) que afirma:

“(...) o conceito de aprendizagem significativa supõe, antes de tudo, uma mudança de perspectiva radical na maneira de entender o processo de ensino/aprendizagem. Frente à concepção tradicional e habitual de que a aprendizagem do aluno depende diretamente da influência do professor e da metodologia de ensino utilizada, põe-se em relevo a importância do conhecimento prévio do aluno e, em geral dos seus processos de pensamentos. Estes processos sobrevivem, assim, do elemento mediador entre, por um lado, os procedimentos instrutivos ou didáticos e, por outro, os resultados da aprendizagem. A construção de significados que o aluno executa a partir do ensino é o elemento mediador suscetível de explicar os resultados de aprendizagem finalmente obtidos”. (COLL, 2000,p.152).

Diante do exposto, pode-se perceber que meus conflitos me levaram a buscar conhecimentos que se identificassem com a minha prática; foi assim que me identifiquei com as idéias, os pensamentos de Ausubel.

Diferentemente das idéias iniciais, como já relatei, de que meu ingresso ao magistério se relacionava muito mais com o papel de mãe que exercia do que com o de professora, agora essas idéias foram substituídas pela consciência e responsabilidade do compromisso com a educação que havia adquirido no percurso do meu cotidiano em sala de aula.

Tenho em mim que, quando iniciei os estudos sobre “o modelo de ensino de David Ausubel”(RONCA, 1976) me saltou os meus conflitos cotidianos, centrados na possibilidade de propiciar aos meus alunos um ensino realmente significativo assim como queria que fosse aos meus filhos.

Dessa forma, quando me aprofundei em conhecer as idéias propostas por Ausubel, imediatamente relacionei as mesmas com o meu cotidiano. Identificando-as também com todo o processo de aprendizagem que havia adquirido na minha educação não-formal.

8. Considerações finais

“Planejamento, execução e avaliação são recursos da busca de um desejo. Para tanto, é preciso saber qual é o desejo e entregar-se a ele. No nosso, importa saber qual é o desejo com ação pedagógica que praticamos juntos aos educandos e se queremos estar entregues a ele, a fim de que possamos construir os resultados satisfatórios com auxílio do planejamento, execução e avaliação, auxiliando o desenvolvimento dos educandos, ao mesmo tempo em que processamos nosso autocrescimento”.

Cipriano C. Lukesi

Nesse breve relato sobre minha formação educacional, procurei discorrer sobre pontos relevantes para mim. Talvez não tenha conseguido, seria muita pretensão e ingenuidade querer abranger, em poucas páginas, uma reflexão tão profunda e extensa sobre fatos e conhecimentos tão relevantes para minha formação.

Hoje, não associo mais meu trabalho docente a maternidade. Sinto que estou mais segura em buscar cada vez mais subsídios que me auxiliem como educadora, que me farão crescer com qualidade e, conseqüentemente, dar uma melhor contribuição ao desenvolvimento de meus alunos.

O estudo levantado sobre os pensamentos desenvolvidos por Ausubel (1960, apud RONCA, 1976) nos deixa evidente a importância como ele trata da questão cognitiva, levando-nos a uma reflexão profunda referente a nossa prática pedagógica, ressaltando a importância do aluno como um ser ativo e prévio em sua estrutura cognitiva, os quais devem ser considerados e utilizados no processo ensino-aprendizagem para que se obtenha um conhecimento significativo.

Obviamente que o eixo temático desenvolvido no relato desse memorial não apresentou a totalidade do pensamento de Ausubel, considerando que o pensamento desse autor é muito profundo e sua linguagem complexa. Busquei com esse tema evidenciar a minha preocupação em ser uma professora mediadora para equipar meus alunos com habilidades necessárias para conceber novas metas e efetivar as mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas inseridas num contexto histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLL, César. ***Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento***. 2º reimpressão. Artmed Editora. Porto Alegre, 2002.

COLL, César (Org.). ***Psicologia do Ensino***. Artmed Editora. Porto Alegre, 2000.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. ***Novo Dicionário Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa***; coedenação de edição Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos...[et al]. 5.^a ed. rev. Ampliada – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KUHLMANN, Junior, Moysés. ***Educando a Infância Brasileira***. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LEITE, Sérgio Anttonio da Silva, (Org.). ***Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas***. Editora Komedi, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. ***Avaliação da aprendizagem escolar***. 14.ed. São Paulo. Cortez Editora, 2002.

MARCELINO, Nelson C. ***Pedagogia da Animação***. Campinas, SP: Papirus. 1990. Cap. II. p.53-89.

RONCA, Antonio Carlos Caruso. ***O modelo de ensino de David Ausubel***.

SOARES, Magda. ***Letramento: um tema em três gêneros***. Autêntica, Belo Horizonte, 2002.